

## Vc tem medo do ICQ????

Participação: Andrea Cecilia Ramal

Referência: In: O Globo, Jornal da Família, p. 4, 9/11/2003.

Educadores afirmam que a linguagem cifrada do ICQ não vai matar o bom e velho português

Quer saber, em português medieval, por que a garotada de hoje está ligadona na linguagem do ICQ? “Prq é mto mais rápido.” E em icequês, o que os jovens pensam dos copistas da Idade Média? “Uns kara kbca!” No português de antigamente, escrito à mão, os copistas abreviavam para dar conta de escrever tudo o que lhes solicitavam. Hoje, os adeptos do bate-papo on line na internet abreviam e codificam para acompanhar a rapidez do pensamento. As abreviaturas da Idade Média não mataram o português. E nem o icequês vai levá-lo ao CTI, como temem alguns pais e professores. É tudo uma questão de ganhar agilidade e — claro — imprimir uma marca pessoal na linguagem de seu tempo.

— A palavra mesmo, por exemplo, eu gosto de abreviar com mxm em vez do msm de todo mundo — diz Mariana Binder, de 12 anos. — O som do xis é mais carioca.

Quem chama a atenção para a coincidência do uso de abreviaturas tanto no ICQ quanto no português medieval é a filóloga Raquel Valença, diretora do Centro de Pesquisas da Fundação Casa de Rui Barbosa.

— Os textos daquela época são de compreensão às vezes difícil, justamente por causa da grande quantidade de abreviaturas. Os copistas escreviam tudo à mão, então abreviavam para facilitar, ou levariam um tempo muito maior escrevendo — explica.

Economia de tempo. É o que todos os usuários do programinha de conversa por computador alegam para usar uma linguagem tão cheia de reduções e zês e agás e cás (sim, a letra k é escrita assim em português de jornalista). Alguns pais se apavoram, com receio de que a moda pegue e seus filhos incorporem o vício na escrita, tornando-se os piores alunos da classe. Bem... o icequês já pulou da tela do computador para os bilhetinhos trocados pela garotada na sala de aula. Mas eles juram que não confundem as coisas quando o assunto é prova ou redação séria.

— Às vezes a gente enfia um vc ou mto no rascunho, mas depois revisa e passa a limpo direitinho. Ninguém quer perder ponto, e tem professor que diz que isso até pode dar suspensão — diz Leo Paulis, de 12 anos, aluno do Colégio Santo Agostinho.

Camila Vilela Borges, professora de português do Centro Educacional da Lagoa, tira ponto quando um corpo estranho desses vai parar na redação. Mas não sem antes avisar e chamar a atenção da garotada para a necessidade de diferenciar as coisas: linguagem de internet é muito boa no computador, conversando com os amigos. Na prosa literária, o papo é outro.

— Vejo claramente os dois lados da questão: é ruim quando a criança embarca cegamente e passa a abreviar tudo e comer letra direto, não dando a menor atenção para o que está escrevendo. Mas é muito legal o fato de eles estarem exercitando a escrita, interagindo com pessoas de culturas diferentes, aprendendo a se expressar — avalia. — Melhor escrever assim, mesmo não sendo o jeito ideal, do que não escrever nada.

Andrea Cecília Ramal, doutora em educação pela PUC/RJ e autora do livro “Educação na cibercultura”, vai além. Acha que a escola tem que valorizar também a linguagem codificada que os alunos usam no ICQ. E mostrar que se pode falar de forma diferente dependendo do contexto: gírias com os amigos, abreviaturas no computador, linguagem formal num currículo ou carta

comercial. Para ela, o cidadão preparado para o futuro tem que dominar tantas linguagens quantas forem as janelas que se abrirem para ele.

—Se tudo muda, por que a linguagem ficaria engessada? Há tempos se falava vossa mercê, hoje a gente diz você. Logo o vc e o cê estarão consagrados. E daqui a 50 anos seremos lembrados como aquela gente estranha que falava um português difícil em 2003 —prevê Andrea.

A conversa pelo ICQ ajuda na organização de idéias

A filóloga Raquel Valença, que deu aulas de português nas décadas de 60 e 70, diz que se ainda estivesse em sala de aula hoje ficaria encantada com a apropriação que os jovens fazem da linguagem do ICQ. Segundo ela, o processo é extremamente positivo para o desenvolvimento da expressão escrita. Porque, mesmo com erros e encurtamentos, eles estão organizando idéias, desenvolvendo argumentos, ampliando seu conteúdo de informações. Enfim, escrevendo. Coisa que ela penava para incentivar em seus tempos de professora e tinha muito pouco retorno.

—É claro que esses códigos e os erros de grafia chocam. Porque são o que salta à vista mais rapidamente. Mas a camada ortográfica é superficial, o que importa mesmo é a camada da organização de idéias. Isso só se aprende usando. E eles estão usando, conversando no ICQ. É uma realidade incontestável.

E não somente conversando. Muitas vezes a rede formada pela garotada serve para... estudar! Olívia Vigneron, de 13 anos, já aproveitou um bate-papo via computador com os colegas de escola para fazer um trabalho de grupo de última hora. Claro, depois foi preciso traduzir para um português de sala de aula. Mas a discussão na rede funcionou exatamente como uma reunião em torno de livros e cadernos. Camilla dos Reis, de 13 anos, adotou o ICQ incentivada pela irmã mais velha, Mariana, de 17 anos, e hoje não quer outra vida. Ela confirma que parte da estratégia de escrever abreviado é mesmo para evitar bisbilhotices de pai e mãe nos assuntos dos jovens, mas diz que a mania pega mesmo pela facilidade de escrever quase tão rapidamente quanto se fala. E a mãe, Andrea dos Reis, não fica preocupada, por mais que perceba a artimanha para deixá-la boiando.

—Sei que é para eu não entender mesmo, para não conseguir pegar rápido alguma coisa que leia de relance. Mas eu me tranqüilizo porque elas só dão autorização para entrar no ICQ delas os amigos, nunca gente estranha. E quanto ao desempenho na escola, não tenho queixa —afirma Andrea. —Elas sabem separar as coisas e continuam sendo meninas de redação nota dez.

Em plena transição para a vida profissional, a estudante de comunicação Marina Saraiva, de 20 anos, uma rata de ICQ, não levou os vícios do icequês para os textos que escreve como estagiária na assessoria de comunicação da Defensoria Pública do Rio. Ao contrário, é elogiada pelo domínio da língua. O pai dela, Marino Viana Saraiva, técnico de eletrônica, sempre chamou a atenção para a necessidade de separar as coisas. Preocupação mesmo ele teve com a possibilidade de pessoas desconhecidas invadirem o computador da filha com mensagens pornográficas e coisas assim. Instalou um rastreador. Fora isso, aprendeu a dominar o programa de bate-papo e hoje é um internauta como ela. Enfim, pôs em prática o conselho que Andréa Ramal costuma dar aos pais que temem estar sendo enganados ou jogados para escanteio pela turma que cada vez mais cria sua própria linguagem no mundo.

—Assim como os pais tiveram o grupinho da praia, que também criava códigos, os meninos hoje elaboram os seus. O que os pais podem fazer é dialogarem com os filhos nesse novo meio. É uma forma incrível de se aproximar —ensina.